

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA

CLÁUDIA VALÉRIA SIMÃO RODRIGUES

**RELAÇÕES INTERDITAS: ANDRÉ E ANA - UMA REELEITURA DA
HISTÓRIA BÍBLICA DE AMNOM E TAMAR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

CLÁUDIA VALÉRIA SIMÃO RODRIGUES

**RELAÇÕES INTERDITAS: ANDRÉ E ANA - UMA REELEITURA DA
HISTÓRIA BÍBLICA DE AMNOM E TAMAR**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura

UTFPR
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

TERMO DE APROVAÇÃO

Relações Interditas: André e Ana- Uma releitura da história bíblica de Amnom e Tamar

Por

CLAUDIA VALERIA SIMAO RODRIGUES

Monografia apresentada às 09:40, do dia 25 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

ROGERIO CAETANO DE ALMEIDA
UTFPR - Curitiba
(orientador)

CRISTIANO DE SALES
UTFPR - Curitiba

Naira de Almeida Nascimento
UTFPR - Curitiba

RESUMO: Neste estudo apresentaremos uma análise acerca do incesto fonte de conflito nas obras Lavoura Arcaica e no relato bíblico de II Samuel 13, estas obras se interligam através dessa temática. Em ambas obras os personagens principais movidos pelo amor-desejo que possuem pelas irmãs e se envolvem em um ato incestuoso, que causará uma tragédia avassaladora no seio familiar, este envolvimento rompe com preceitos e regras, de uma moral construída ao longo de gerações.

Palavras-chave: Incesto, família, galho, patriarca, tragédia.

ABSTRACT: In this article, an analysis is made of the incest source of conflict in the Archaic Lavoura works and in the biblical account of II Samuel 13, the works intertwine through this theme. In a nutshell, the main characters are those who love their sisters and engage in incest, which brings an overwhelming tragedy within the family, this is a learning with precepts and rules, a morality built up over generations.

Keywords: Incest, family, branch, patriarch, tragedy.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	6
<u>DEFINIÇÃO E DISCUSSÃO DE INTERMIDIABILIDADE</u>	6
<u>RELAÇÕES PROIBIDAS NA LITERATURA BÍBLICA</u>	9
<u>RELAÇÕES INTERDITAS EM LAVOURA ARCAICA</u>	14
<u>A TRANSGRESSÃO ENTRE IRMÃOS</u>	19
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	24
<u>REFERÊNCIAS</u>	26

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o incesto é um tema recorrente nas obras literárias, propomos aqui tecer considerações acerca da confluência entre os textos “Lavoura Arcaica” e “II Samuel 13” focando o incesto, ponto que os permeiam. Segundo Freud e Lévi-Strauss o incesto sempre foi visto pela sociedade como um ato sórdido, apócrifo delimitado como uma fraqueza diante dos desejos mais íntimos do ser humano. O incesto é uma depravação sexual porque envolve pessoas consanguíneas. Diante disso a sociedade buscou meio para frear este tipo de ação no eixo familiar, evitando assim a ruína de muitas famílias ao longo do tempo.

Em II Samuel 13 há um relato de pleito incestuoso ocorrido na literatura bíblica, Amnon filho do rei Davi se apaixona pela irmã Tamar, este para ter seus desejos supridos, conjura um plano para se deitar com a irmã.

A obra Lavoura Arcaica revisita o relato bíblico de II Samuel 13 ao trazer para a narrativa o incesto, ação desencadeadora de toda a trama, André o personagem principal, é o filho caçula de uma família tradicional de libanês, que prega a ordem e moral. Mas essa árvore familiar tem na sua composição galhos que se destoam da retidão imposta pelo pai.

Há ainda que mencionar a intermediabilidade que evoca as narrativas, que permite que o texto de Nassar remonte a trama no livro de II Samuel. E nos permite o encontro com um novo texto. E na ligação entre os personagens, em suas características se justifica a escrita desse trabalho, na busca incessante de continuação do discurso latente.

DEFINIÇÃO E DISCUSSÃO DE INTERMIDIABILIDADE

A intermediabilidade se expressa ainda como um conceito novo, pois embora o termo intermídia tenha surgido em 1966, no ensaio *Intermedia, Something Else Newsletter*, de Dick Higgins, apenas a partir de 1980 que o termo passou a ser discutido de maneira significativa, configurando um conceito em formação, que busca compreender entre mídias, a intercepção das fronteiras. Segundo o estudioso Claus Cluver (2006) a intermediabilidade observa as diferentes formas de artes e mídias em

um texto, conceitualmente fundidas, surgindo para sustentar a relação entre artes e mídias e das mídias e seus textos. Ainda sob a perspectiva de Cluver:

Intermedialidade diz respeito não só àquilo que nós designamos ainda amplamente como “artes” (Música, Literatura, Dança, Pintura e demais Artes Plásticas, Arquitetura, bem como formas mistas, como Ópera, Teatro e Cinema), mas também às “mídias” e seus textos, já costumeiramente assim designadas na maioria das línguas e culturas ocidentais. Portanto, ao lado das mídias impressas, como a Imprensa, figuram (aqui também) o Cinema e, além dele, a Televisão, o Rádio, o Vídeo, bem como as várias mídias eletrônicas e digitais surgidas mais recentemente. Quase todas essas formas de expressão e comunicação estão institucionalizadas isoladamente; as disciplinas a elas dedicadas desenvolveram seus próprios métodos considerando os materiais (e “mídias”, num outro sentido da palavra) dos objetos dos quais elas se ocupam e as funções. (CLUVER, 2006, p.18-19).

A citação nos permite afirmar que o conceito de intermediabilidade é vasto, portanto, além dos estudos interartes, supõe, pois, um entre-lugar, um espaço entre outras mídias. No entanto Dick Higgins (2012), em seu primeiro ensaio no ano de 1965 pontua que na união de duas mídias primárias, ambas se “perdem”, obtendo-se então uma terceira, uma fusão. Tais discussões fazem-se aqui necessárias uma vez que a relação conflituosa descrita em Samuel II na narrativa de Tamar e Amnom é recontada, revivida, fundida na obra *Lavoura Arcaica*, nos personagens André e Ana, ambos irmãos, que são representados também no cinema. A intermediabilidade é uma possibilidade quando há o desejo de fundir mídias existentes.

A intermediabilidade no seu processo de formação não foi recepcionada como uma obra de arte, mas apesar disso o cinema conquistou seu espaço no meio midiático, artístico, crítico e na atualidade se equiparou a outras obras de artes. A linguagem é o que estabelece uma ligação entre a literatura com o cinema.

O ser humano faz uso de vários meios de linguagem como as imagens, sons, sinais entre outros que produzem uma comunicação. Os meios de comunicação são manifestações dos signos da linguagem, ou seja, recursos da linguagem. Na literatura os recursos linguísticos se tornam símbolos, as palavras são as únicas que mantem relações diretas com os objetos representados na arte. O cinema interliga a arte, ele é a ponte que combina os signos visuais e sonoros, o filme é uma intermedialidade entre literatura (palavra), imagem e sons.

Segundo Edgar Kirchof a linguagem verbal é um complicado sistema de comunicação do qual o ser humano faz uso, a imagem, o cinema por se tratar de uma comunicação que se desenvolve com expressões faciais, gestos e posturas corporais faz com que seja mais fácil de ser interpretada pelo interlocutor. Assim o cinema e teatro são recursos de linguagem, onde a encenação, por exemplo, é como aliada na transmissão da expressividade humana.

A literatura e cinema são hoje artes interligadas, as adaptações de livros para a versão cinematográfica são as melhores obras do cinema, elas são maneiras diferentes de contar uma história e são essenciais para a criatividade artística.

Lavoura Arcaica e em II Samuel são obras literárias e cinematográficas que se completam, há uma estrutura mítica, atemporal, com personagens arquetípicos: o pai que oprime pela palavra e pelo chicote, a mãe que toca com afeto, o filho primogênito a repetir a figura paterna, o filho torto, as irmãs que se calam.

A obra literária Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar, traz uma narrativa pesada, cheia de confusões; protestos; abstenções; amor de irmão com irmã deixando a narrativa ostensiva e cansativa. André se vê diferente de todos, que cheio de pressões resolve fugir de casa, fato que remonta bem à narrativa bíblica do filho pródigo.

Apesar de referências à língua e a tradições árabes, não se sabe se é uma família de libaneses no interior de São Paulo, nos anos 1940. A adaptação do romance de Raduan Nassar poderia se passar em qualquer lugar, em qualquer tempo.

Em “Lavoura Arcaica”, a fazenda é um cenário, que é visto como o único mundo possível, onde todo pão que se come foi ali mesmo produzido. É um templo onde os sermões são dados pelo pai antes das refeições. Os filhos ouvem silenciosos e devem obedecer, sem que haja espaço para a singularidade. Para o pai a paixão é um descontrole, uma afronta. “O mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio”, diz o pai.

André destoa dos irmãos ao esconder-se na mata, enterrando os pés na terra e cobrindo-se com folhas secas. Abre o portão da fazenda, abandona a família, mas permanece só e angustiado. Ao retornar, depois de falar do desejo que não cabe na escuta do pai, diz que volta para casa “humilde e submisso”. Não é trivial abandonar o que é familiar, ainda que seja causa de opressão.

André, refugiado, também deixa para trás tudo o que lhe é familiar, mas o massacre, na maioria das vezes sem retorno possível. Costuma-se dizer que ele não tem

escolha. Ele tem a escolha, sim, de permanecer onde há opressão em vez de se lançar ao desconhecido. Há quem prefira conviver com a violência, há quem não suporte ser oprimido em sua própria casa.

A figura do refugiado volta à discussão política mais de meio século após sua definição como aquele que sofre perseguição política devido a raça, religião ou nacionalidade. É uma classificação que costuma colocá-lo no lugar de vítima, a precisar de proteção, mas sem ter voz. “Corremos grande risco quando falamos”, André reconhece. E, como ele, o refugiado sai para poder falar. Quem abandona aquilo que lhe é próximo tem uma paixão maior que o mundo. Tem a urgência de tirar os sapatos para enterrar os pés na terra, correndo o risco de pisar em falso, de perder os pés.

Pensando em mitos, pode-se pensar no refugiado como o sujeito político por excelência, para além de qualquer definição jurídica, por apostar na vida em aberto não só diante da guerra, mas de toda sorte de violências estruturais. Em tempos nos quais a singularidade é quase afronta, num mundo cheio de vontade de encerrar-se entre portões, com medo da desordem, o refugiado é aquele que leva sua pulsão de vida às últimas consequências, aquele que, como o protagonista, quer “ser profeta de sua própria história”.

RELAÇÕES PROIBIDAS NA LITERATURA BÍBLICA

O incesto está entre uma de muitas violações “sagradas,” sendo talvez o que mais inspira a repulsa nas pessoas. Esse conflito humano inclui anseios e desejos, que encontram na literatura uma terra fértil para extensas discussões. Através de personagens, tempo e espaço ficcionais que “materializam” a problemática humana, instigando a sociedade à reflexão acerca de temas, por vezes tão temidos e polêmicos, considerado na literatura bíblica um ato pecaminoso.

Esta prática sexual entre parentes é uma temática que está presente até hoje, tanto na literatura, quanto na sociedade. No entanto, na literatura esse tema é instigante, visto como releituras de fatos ocorridos ainda nos primórdios da formação da sociedade, apesar deste ato ser um crime.

Na trajetória literária, ele se tornou um veículo para discutir temas, como a fraqueza diante do desejo, o não domínio próprio, a perversidade e a carnalidade do homem.

O incesto é considerado um tabu desde o início da formação da sociedade, segundo Lévi-Strauss e Freud a sociedade criou meios para proibir tal ação, baseando-se na incoerência sanguínea. Assim, o incesto torna-se uma relação proibida por todos os povos, em todas as épocas e de modos distintos, independente das diversidades culturais, étnicas de cada povo. A proibição do incesto está determinada pela cultura e pela vida psíquica.

A psicanálise nos mostra que o primeiro objeto sobre o qual recai a eleição sexual do jovem é a mãe ou a irmã. Ou seja, à medida que este sujeito se desenvolve é então, influenciado pelo princípio da isogamia (relação sexual consanguínea) socialmente estabelecida. Entretanto, o sujeito passará a traçar um caminho para evadir-se da atração do incesto. Após institucionalizar-se a proibição da isogamia, ela passa a constituir um valor autêntico de toda a sociedade. Tornando-se então, algo pecaminoso, asqueroso.

O que impede tal prática é a questão do processo de construção de como o ser humano se relaciona com o outro sexualmente, mas da mesma família, a partir disso, há um julgamento e punição para quem descumprir a regra.

De acordo com Lévi-Strauss o ser humano é formado por dois aspectos divergentes, o homem é um ser biológico e um indivíduo social. Assim há reações que exigem respostas para as necessidades externas e internas, que correspondem a natureza e a outra, a situação. Os estímulos biológicos e psicossociais intervêm nas ações do ser humano.

A proibição do incesto está ligada a um paradigma, que se interliga por duas ordens diferentes: social e biológica, natural e cultural. Nesta proibição há o caráter coercivo das leis e instituições culturais.

Para Freud as proibições são tabus, feito ao homem, no seu desenvolvimento histórico cultural cria tabus que, ao mesmo tempo expressam o que é sagrado e consagrado e o que é inquietante, perigoso, proibido ou impuro. A palavra tabu, portanto designa: o caráter impuro de pessoas e objetos; natureza da proibição; a santidade/ purificação. Os tabus podem ser naturais provenientes de uma força misteriosa.

Lévi-Strauss retrata o incesto como uma proibição que enquanto regra social, se torna ao mesmo tempo pré-social. Assim a condição de pré-sociabilidade é por sua universalidade, a qual se opõe ao homem, destacando em sua consciência as normas e atitudes. O incesto está ligado ao grau máximo de natureza animal do homem e atesta na cultura, nas relações humanas, a sobrevivência dos instintos. A proibição do incesto é para o homem uma superação aos seus instintos que o eleva a um ser social e de mantedor de ordem.

A literatura quando se refere aos desejos e conflitos humanos nos conduz a força conflitante que há em nós, a razão e a emoção, pois são ambas que configuram o domínio dos nossos atos no decorrer da vida.

O incesto é um ato que rompe com o paraíso familiar, desequilibra e nega as leis impostas pela família, pela sociedade, religião e ciência. Também desequilibra o lado emocional do praticante: “Toda a consecução erótica tem por princípio a destruição da estrutura do ser fechado, que é, no estado normal, um participante da acção”. (PAZ,1992, pg.177).

A literatura bíblica é repleta de relatos de relações proibidas, em Gênesis: Rebeca a mãe de Jacó demonstra uma sensualidade ímpar em preferências ao filho. Rebeca tem uma afinidade, que era além de um simples amor de mãe para com o filho.

Em menino, descobre a feminidade na mãe ou nas irmãs. E desde então, o amor se identifica como o proibido. Nosso erotismo está condicionado pelo horror e pela atração do incesto. Por outro lado, a vida moderna estimula desnecessariamente a nossa Sensualidade, ao mesmo tempo inibe com todo tipo de interdições de Classe, de moral e até higiene. A culpa é a espora e o freio do desejo. (PAZ,1992, p.178-9).

Paz (1992) ressalta que esse contato físico de mãe e filho é o que faz desabrochar os desejos mais íntimos do ser humano. O erotismo presente na relação de Rebeca e Jacó a faz agir de formar desonesta com o marido Isaque, rompendo com as regras e costume daquele povo. Antigamente havia um costume a respeito da benção paterna. E aconteceu que, como Isaque já estava idoso, havia ficado cego com a idade e sentia que estava próximo o tempo da sua partida, chamou a Esaú, seu filho mais velho, e pediu a ele que saísse à caça a fim de fazer depois um guisado saboroso. A intenção do

pai era abençoar o filho com todo o direito de sua primogenitura, após comer o alimento conquistado e preparado por seu filho mais velho.

Rebeca ouvindo a conversa chamou a Jacó e o contou o que estava acontecendo, além disso, pediu a ele que trouxesse do rebanho dois bons cabritos, para que ela, após preparar um guisado do jeito que o pai gostava, também colocaria a pele deles sobre o corpo de Jacó (que era liso, enquanto o irmão tinha muitos pelos pelo corpo) e vestiria Jacó com alguma roupa de Esaú. Dessa maneira, ele poderia ser abençoado pelo pai, no lugar do irmão. Apesar de, a princípio, ter questionado a mãe, Jacó procedeu como ela dissera.

De acordo com as escrituras bíblicas, Isaque estranhou o fato de ter chegado o cozido tão depressa, e a voz ser de Jacó, mas acabou sendo convencido de que era Esaú. Isaque comeu o cozido e em seguida o abençoou dizendo com a bênção da primogenitura. (Gn, 27,28:29). Esaú voltou da caça, preparou o cozido e descobriu que havia perdido sua bênção. Vociferou com grande e muito amargo brado, e pediu a seu pai que o abençoasse também, e chorou. Lembrou-se que tinha vendido o direito de primogenitura ao irmão tempos antes, em troca de um prato de cozido, e agora perdera também a bênção de seu pai. A fim de não ser morto pelo irmão que a esta altura o odiava, Jacó fugiu para uma terra chamada a Harã, onde habitava um tio chamado Labão, afastando-se de sua família.

Outro relato de relações proibidas na literatura bíblica acontece na casa de Davi. O rei Davi foi o segundo monarca de Israel, o homem escolhido para liderar seu povo, a vida de Davi e sua família é narrada em alguns livros do Antigo Testamento, nos livros de 1 e 2 Samuel, 1 Reis e 1 Crônicas.

Davi era um criador de ovelhas, essa profissão lhe ensinou muitas qualidades que ele pôs em prática ao longo de sua vida. Quando ele assumiu o trono de Israel, por exemplo, ele demonstrou ter coragem, dedicação e cuidado com o povo. Mas este patriarca enfrentou situações desafiadoras no meio familiar.

O rei Davi teve ao longo de sua vida muitas esposas e concubinas, e foi pai de muitos filhos. Os filhos mais conhecidos de Davi nas narrativas foram: Absalão, Adonias, Amom, Salomão e Tamar, sua filha.

Se o reinado a frente de Israel era próspero e exemplar, o mesmo não pode ser dito de sua vida familiar. A família do rei Davi sempre esteve cercada de conspirações,

intrigas, rivalidades e tragédias. Um exemplo claro disso são os episódios envolvendo os episódios de incesto que envolve os filhos do rei Davi: Amnon e Tamar, temática deste estudo. Tamar e Amnon, ambos meio irmãos:

"Tinha Absalão, filho de Davi, uma formosa irmã, cujo nome era Tamar. Amnon, filho de Davi, se enamorou dela. Angustiou-se Amnon por Tamar, sua irmã a ponto de adoecer, pois, sendo ela virgem, parecia-lhe impossível fazer-lhe coisa alguma". (2 Samuel 13).

Mas aconteceu que o estado de espírito do jovem Amnon enche-se de tristeza causada pela paixão que sente pela irmã Tamar e deixa ser consumido por um sentimento pecaminoso dando assim brechas para que seu coração doentio se colocasse a frente da razão, criando uma situação que iria encadear em desonra, mentiras e o incesto propriamente dito.

"Tinha, porém, Amnon um amigo cujo nome era Jonadabe, filho de Simeia, irmão de Davi; Jonadabe era um homem mui sagaz. E ele lhe disse: Por que tanto emagreces de dia para dia, ó filho do rei? Não mo dirás? Então, lhe disse Amnon: Amo Tamar, irmã de Absalão, meu irmão. Disse-lhe Jonadabe: Deita-te na tu cama e finge-se de doente; quando teu pai vier visitar-te dize-lhe: Peço-te que minha irmã Tamar venha e me dê de comer pão, pois, vendo-a eu preparar-me a comida, comerei de sua mão. Deitou-se, pois, Amnon e fingiu-se doente; vindo o rei visitá-lo, Amnon lhe disse: Peço-te que minha irmã Tamar venha e prepare dois bolos à minha presença, para que eu coma de sua mão... 2 Samuel 13:3-5"

Amnon já estava possuído por um sentimento destrutível e uma paixão avassaladora por sua meia irmã Tamar, no entanto ao invés de Amnon tentar controlar esse sentimento desfreado e pecaminoso, ele continuou querendo possuir sua meia irmã Tamar dia após dia. Com o passar dos dias o jovem Amnon estava ficando debilitado com aquele sentimento avassalador. Então ocorreu que seu "amigo" e conselheiro Jonadabe reparou que algo estava acontecendo na vida do filho do rei Davi e o mesmo quis saber o que passava com Amnon. Jonadabe ao saber do sentimento pecaminoso do amigo, cria toda uma encenação, e o ajuda na concretização do seu desejo, assim Amnon é atendido e o seu simples desejo carnal pela irmã é saciado.

Relutante com tamanha e incontrolável paixão Amnon se fez de enfermo, enganando seu pai, que trouxe para próximo dele a irmã Tamar. (v.3-7), que ingênua, foi atendê-lo.

Ao concretizar o desejo de deitar-se com a irmã, Amnom passou a sentir repulsa pela irmã e a humilha, diante disso, vemos que o seu desejo não passou de mero capricho.

Absalão, irmão de Amnom, ao saber do acontecido, protegeu Tamar, pois, tinha estima e carinho fraternal, por ela. Todo esse senso de justiça, raiva e ira faz com que Absalão maquinasse um castigo mortal ao irmão, que apesar do tempo decorrido, não perdoa o episódio e prepara um plano para tirar a vida o irmão, e então espera por dois anos para executá-lo. (v.20-23). Absalão vai a presença do pai e o pede para se ajuntar aos irmãos em umas caçada e depois uma festa, uma reunião familiar. Com isso Amnom vai ao encontro dos familiares para beber e festejar a “união” e o retorno ao seio familiar.

E Absalão deu ordem aos seus moços, dizendo: Prestai atenção; quando o coração de Amnom estiver alegre do vinho, e eu vos disser: Feri Amnom; então o matareis; não temais; porque porventura não sou eu quem vo-lo ordenei? Sede fortes, e sede valentes. (2 Samuel 13:28).

Como a citação revela, o que lhe ocorre é uma trágica morte. Seu irmão dá ordem aos servos para que o embriague e que depois o mate, assim se fez. Absalão ao ver a morte do irmão se sente vingado e justificado pela afronta feita a irmã. Ao saber da morte do filho, o rei Davi chorou e pranteou a quebra de um galho podre da árvore familiar. Então, dar-se por findada a vingança de Absalão.

RELAÇÕES INTERDITAS EM LAVOURA ARCAICA

“Lavoura Arcaica” é uma obra farta de lirismo, cujas características espelham o subjetivismo do anti-herói, seus sentimentos, emotividade e afetividade numa linguagem metafórica. Sua epígrafe já nos lança a poesia latente na voz de Jorge de Lima “Que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução, de seu viço e constância?” (NASSAR, 1989). A obra é uma espécie de aventura linguística, que flui de acordo com os pensamentos e sentimentos dos personagens, o que percebemos na

ausência de parágrafos e na pontuação irregular. Os vocábulos são frutos de uma garimpagem feita por Nassar, conduzindo o leitor em uma leitura singular e pura.

Também é uma obra copiosa de musicalidade, sobre esse aspecto Perrone-Moisés destaca que:

“Lavoura arcaica é uma das prosas mais contundentes da literatura brasileira. Construído em linguagem esteticamente rigorosa, o texto é uma espécie de oratório em que o narrador-personagem – André – desorganiza, por meio de sua loucura, o rigor das verdades cristalizadas.” (Perrone-Moisés, 1996).

O espaço em *Lavoura Arcaica* é delimitado pela fazenda, a casa da família, a casa velha e o quarto de pensão. A fazenda é um dos cenários, que é visto como o único mundo possível, onde todo pão que se come foi ali mesmo produzido, o seu universo particular, origem de todo o seu lamento e loucura. É um templo, um santuário para a vida em família, um local onde os sermões do pai imperam, onde há amor e austeridade.

Já o quarto de pensão representa o ser fragilizado, onde o tempo se mistura nas memórias de André, é o espaço onde ele revive os lugares em que habitou inclusive a casa velha, onde o incesto foi firmado.

O enredo da obra apresenta uma família de origem libanesa e de costumes patriarcais, que é ligada a ritos religiosos, cujo molde de criação é rígido, onde se predomina a palavra do pai, “ponderada pelo pêndulo” (p.49), que prega sempre o equilíbrio da vida, pautado pela paciência extrema, pelo controle das paixões. O pai de André é moralista, repressor e autoritário, a mãe é o contraponto, uma mulher submissa que vive calada. O irmão com maior destaque na narrativa é Pedro, primogênito, com traços característicos do pai, moralista e austero.

André o filho mais novo da família, é um personagem anti-herói que se coloca vítima de suas próprias escolhas: “Na literatura brasileira são mais frequentes os anti-heróis, sempre vítimas das adversidades ou de seus próprios defeitos de caráter”. (GANCHO, p.8) Esse personagem anti-herói é o galho podre da árvore, que rompe com as ordens estabelecidas pelo pai. Na narrativa novelesca o lírico se funde ao narrador em primeira pessoa. André, personagem narrador, é o filho encarregado de revelar o avesso de sua própria imagem e da imagem da família.

O tempo na obra é marcado pelas memórias de André, concedendo aos acontecimentos caráter intemporal, sua narrativa é distante dos fatos ocorridos. As memórias não são apenas representações do passado, mas uma oportunidade de revivê-las na retomada feita pelo narrador-personagem que pretende dar sentido aos fatos no momento presente.

O tempo se configura quando André faz sua transição da adolescência para juventude, há nele um florescer de desejos queimando em seu corpo, e isso o leva a fazer uma autoanálise, que o faz lembrar dos carinhos feitos pela mãe na infância, que era repleta de amor e carinho, ora o acalentava ora o sufocava, como podemos perceber na citação a seguir:

Me entreguei feito menino à pressão daqueles dedos grossos que me apertavam uma das faces contra o repouso antigo do seu seio; curvando-se, ela amassou depois seus olhos, o nariz e a boca, enquanto cheirava ruidosamente meus cabelos, espalhando ali, em língua estranha, as palavras ternas com que sempre me brindava desde criança: meus olhos meu coração meu cordeiro (LA, p. 171).

De acordo com Gilberto Freyre, “a mãe era a aliada do menino contra o pai excessivo na disciplina e às vezes terrivelmente duro na autoridade [...]. Sua primeira namorada. Quem lhe fazia certas vontades. Quem cantava modinhas para ele dormir” (FREYRE, 1998, p. 114). A mãe fora sua cúmplice aos desmandos do pai, mas esta cumplicidade do seio familiar gerou em sua alma, um ardente desejo pela irmã, Ana. Sendo assim as situações de cumplicidade entre irmãos desde a infância, já não eram mais a mesma, o desejo mudou uma simples relação sanguínea em uma doentia paixão, ou seja, um incesto avassalador.

Esta paixão doentia o leva a se afastar do seio familiar e ir viver longe da família. Nesse novo ambiente André relata ao irmão Pedro, sobre os seus pensamentos em relação a Ana. Neste encontro na pensão André faz um desabafo cheio de revolta, que ao mesmo tempo é um desabafo de uma linguagem poética, viva, robusta e virulenta.

O desabafo inicia André, numa pensão, deitado no chão, nu, se masturbando, quando ouve que batem à porta. É Pedro, o irmão mais velho que, a pedido da mãe, veio buscá-lo de volta para casa.

Aqui começa o desencadeamento da trama, o ato de confessar ao irmão o desejo que sente pela irmã, é o início da ruína da família.

“Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana minha fome... era Ana minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos...” eu tinha de gritar em furor que a minha loucura era mais sábia que a sabedoria do pai... e que era tudo só uma questão de perspectiva (LA,p.111).

Na fala de André há uma enxurrada de desejo do que sente pela irmã, este desejo grita com sua racionalidade e o leva à loucura. Este desejo o cegava e o fazia ter razão diante da racionalidade, das regras impostas pelo pai. Ana é sua auxiliar na destruição da ordem familiar.

“Essa minha irmã que, como eu, mais que qualquer outro em casa, trazia a peste no corpo, [...] ela sabia fazer as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua a sua peçonha e logo morder o cacho de uva que pendia em bagos túmidos de saliva.” (LA, p. 189).

Ana e André são os filhos fadados a destruir a família. Ou seja, instaura-se, a partir da mãe, o galho fraco, a desgraça no núcleo familiar. Desprovidos do senso de moralidade, dominados pelo instinto sexual, procuram satisfazê-lo a qualquer custo. Em um diálogo com Pedro, André deixa implícito toda essa ânsia de “(i)moralidade” da qual foi imposta desde o nascimento. Nesse desabafo André grita com está moral e relata o que lhe causou este deslumbramento “ [...] eu, o irmão do cheiro virulento, eu que tinha na pele a gosma de tantas lesmas, a baba derramada do demo (LA, p. 109-110)”.

No galpão, num monte de feno, que André, depois de esperar por muito tempo, tem relações sexuais com a irmã; o momento da consumação do ato sexual é assim narrado por André: “[...] corri sem pressa seu ventre humoso, tombei a terra, tracei canteiros, sulquei o chão, semeiei petúnias no seu umbigo; e pensei também na minha uretra desapertada como um caule de crisântemo”. (LA, p. 115).

Depois, André adormece por alguns instantes e, quando acorda, Ana havia desaparecido: “houve medo e susto quando tateei a palha, abri os olhos, eram duas brasas, e meu corpo, eu não tinha dúvida, fora talhado sob medida pra receber o demo: uma sanha de tihoso me tomou de assalto assim que dei pela falta dela” (LA, p. 116).

Ana, quando se dá conta do acontecido, desespera-se e corre para a capela, onde André a encontra de joelhos rezando o terço. E ele usa todos os argumentos para tentar convencê-la a aceitar o seu amor, a ser gozado clandestinamente e em pecado. Ele promete que vai “seguir o pai para o trabalho, arar a terra e semear, [...] estando presente com justiça na hora da colheita, trazendo para casa os frutos” (LA, p. 120, 121), mas ela não diz uma palavra e André implora: “eu quero ser feliz, eu, o filho torto, a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família [...] de minha parte, abro mão inclusive dos filhos que teríamos, mas, na casa velha, quero gozar em dobro as delícias deste amor clandestino” (LA, p.120). André, encolerizado pela recusa muda da irmã, brada: “pertencço como nunca desde agora a essa insólita confraria dos enjeitados, dos proibidos, dos recusados pelo afeto. (LA, p.121).

Ana ao perceber o erro que cometeu, quer pôr fim a este relacionamento incestuoso, mesmo que o irmão queira ir avante à devastação familiar. Ana mesmo pertencendo ao ramo podre ainda há nela certo senso moral, pois sabe que está paixão poderia ruir com a unidade de todo ramo familiar. Este ato de repulsa faz André se afastar da família, na verdade ele queria se afastar de Ana ou fazê-la perceber que assim como ele, ela não conseguiria prosseguir com sua vida naquele ambiente, onde as lembranças de cada momento vivido por eles estariam presentes e marcava aquele amor doentio que fervia em ambos.

De certa forma, a ida de Pedro, o galho sem mácula da família, ao encontro do irmão torto para pedir o seu regresso ao seio familiar, cria em André a expectativa de rever a irmã e de poder reatar esta paixão incestuosa. André volta para casa, mas não trará a alegria ao seio da família.

Ao dialogar com pai, André expõe seu ponto de vista e se justifica, mas o pai não aceita os argumentos do filho. O patriarca é pautado pela ordem familiar, mesmo assim André questiona a ordem familiar “toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade”, mas a opinião do pai prevalece.

Para comemorar seu regresso, a família de André decide oferecer-lhe uma festa que culminará na trágica consumação final da família. No decorrer da festa começa uma dança e Ana, toda adornada pelos presentes de André, começa a dançar de forma extremamente sensual e lasciva. Esta dança cheia sedução, era direcionada para André. Ana ao som da música árabe deixava exalar do seu corpo toda a sensualidade que tendia

para seduzir o irmão. Pedro ao ver a atitude incestuosa da irmã sendo exposta ao público e consciente da relação dos irmãos, decidi tirar a sujeira que estava escondida nos fenos do celeiro e fala para o pai da sórdida relação incestuosa dos irmãos.

Nas falas de Pedro há terremoto, que joga ao chão o alicerce da família que estava bem fincado ao chão: "...a partir daí todas as rédeas cederam, desencadeando-se o raio numa velocidade fatal: o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada da ira". (LA, p. 192).

O patriarca em momento de fúria, em um só golpe mata Ana, ali ele poda o ramo da família que está enfeitado por vermes e doenças. A matriarca ao ver o ramo podre ser cortado se descabela e enlouquece a lamentar pelo ocorrido com a filha: "[...] e vi a mãe, perdida no seu juízo, arrancando punhados de cabelo, descobrindo grotescamente as coxas, expondo as cordas roxas das varizes, batendo a pedra do punho contra o peito Iohána! Iohána! Iohána" (LA, p. 194).

No final da narrativa o patriarca ao perceber que perdeu a ordem e a sensatez que tanto pregava se desespera e sofre um ataque de tristeza e morre. O desfecho da trama põe fim a dois personagens principais da narrativa: as figuras do pai e da irmã, que morrem de forma trágica.

A TRANSGRESSÃO ENTRE IRMÃOS

A leitura dos textos Lavoura Arcaica e 2 Samuel: 13 e Gênesis 27 percebemos que ambas obras tem o enredo engendrado em torno do seio familiar, laço entre mãe e filho e entre irmãos, as figuras dos irmãos André, Ana e a mãe na narrativa de Nassar, dialoga com os textos da literatura bíblica.

No decorrer da obra, detectamos traços e atitudes comportamentais que se interligam ao relato bíblico. Em Lavoura Arcaica, o discurso de André, membro de uma família patriarcal, que está sempre buscando romper com as regras impostas pela figura paterna: "...Tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai..." (NASSAR, 2005,p.41). André rompe com as regras instituídas pelo pai e transgredirá o amor familiar a partir do momento em que se apaixona por Ana.

Ambos alimentados no mesmo seio materno, seio esse que abrigou amor e ternura:

Em menino, descobre a feminidade na mãe ou nas irmãs. E desde então, o amor se identifica como o proibido. Nosso erotismo está condicionado pelo horror e pela atração do incesto. Por outro lado, a vida moderna estimula desnecessariamente a nossa Sensualidade, ao mesmo tempo inibe com todo tipo de interdições de Classe, de moral e até higiene. A culpa é a espora e o freio do desejo. (PAZ, 1992, p. 178-9)

Em *Lavoura Arcaica*, André carrega consigo o estigma do amor materno e reconhece, ter herdado da mãe, o lado carente de afagos e afetos:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 1989, p. 156, 157).

A família de André se parte em dois galhos. De um lado os filhos que herdaram a moderação e sensatez do pai e o outro dos filhos condicionados à descendência da mãe. A este lado, estigmatizado pela cicatriz dos excessos maternos, pertencem aqueles que se deixaram levar pelo “mundo das paixões e do desequilíbrio.” O narrador-personagem afirma que André, a irmã caçula Ana e o irmão caçula Lula estavam marcados por esse erotismo que emanava do lado maternal da família. Afirmação que sugere a consciência de André em relação ao proibido. Nos sermões do pai enfatizava-se que “para manter a casa erguida era preciso fortalecer o sentimento do dever, venerando os nossos laços de sangue,” (NASSAR, 2005 p.21)

André se afasta dos sermões do pai, quando se deixa envolver pela feminilidade de sua irmã caçula: “Ana tudo começa no teu amor, ele é o núcleo, ele é a semente, o teu amor pra mim é o princípio do mundo” (NASSAR, 2005, p. 128). Ana desperta no irmão uma atração carnal inaceitável entre pessoas do mesmo sangue. O desejo que ele tem por Ana traz o sentimento de culpa. Por isso a repetição dos sermões do pai, que versavam sobre a necessidade de interdição desses desequilíbrios:

“...Era preciso refrear os maus impulsos, moderar prudentemente os bons, não perder de vista o equilíbrio, cultivando o autodomínio, precavendo-se contra o egoísmo e as

paixões perigosas que o acompanham...” (NASSAR, 2005, p.110)

No entanto, André rasura o equilíbrio familiar, ao se render aos caprichos de sua carne e cometer uma relação incestuosa com Ana:

... bastava que eu soubesse que o instante que passa, passa definitivamente, e foi numa vertigem que me estirei queimando ao lado dela, me joguei inteiro numa só flecha tinha veneno na ponta desta flecha haste e embalado nos braços a decisão de não mais adiar a vida... (NASSAR, 2005, p.102.)

André sabe a gravidade de seu ato e o peso dessa relação interdita segundo os paradigmas sociais e bíblicos, mas isso não o impede de viver sua paixão. Leva essa paixão aos extremos e abre mão de aspectos de uma relação dentro das normalidades, como a paternidade, para gozar as promessas de uma relação proibida: “de minha parte, abro mão inclusive dos filhos que teríamos, mas, na casa velha, quero gozar em dobro as delícias deste amor clandestino”; (NASSAR, 2005, p.134)

A paixão em II Samuel figura-se como uma doença, uma “anomalia”, como afirma André sobre a carga afetiva que aterrorizava os filhos descendentes da mãe em *Lavoura Arcaica*. Amnom movido pelo fogo da paixão age com astúcia, finge estar doente para que a irmã fosse vê-lo e cuidasse da doença que padecia, doença da libertinagem dos desejos pela irmã. Como vemos Amnom desejava a irmã e a impossibilidade que havia entre os dois só aumentava a sede de possuir fisicamente Tamar.

André e Amnom rompem com as barreiras do empecilho, libertando-se do sentimento de culpa, deixando de lado a moral, tornam-se escravos desse desejo proibido, trazendo como consequência a angústia, sofrimento e a irracionalidade de ambos. Para eles somente Ana e Tamar são mediadoras entre sofrimento: “Peço-te que a minha irmã Tamar venha e me dê comer pão ...Pois vendo-a eu prepara-me a comida comerei da sua mão....” (II Samuel, 13:6)

A fome empregada em ambas as narrativas são representações do desejo e amor, cujo saciar só seria suprido se o feminino atendesse aos desejos pecaminosos dos irmãos. Amnom não mediu esforços para realizar o capricho de possuir a irmã “Vem deita-te comigo. minha irmã” (II Samuel, 13:11). Em *Lavoura Arcaica*, André e Ana cedem aos instintos da carne, se arrebatando para longe das leis sociais e cristãs que regem as relações entre um homem e uma mulher.

Estes atos de perversão trazem desfechos trágicos e desequilibram o lado emocional do praticante: “Toda a consecução erótica tem por princípio a destruição da estrutura do ser fechado, que é, no estado normal, um participante da acção”. (PAZ, 1992, pg. 177).

A tentativa de ruptura acaba sendo autodestrutiva. André, na tentativa de romper com a tradição religiosa faz uma prece a Deus: “Um milagre, um milagre meu Deus, eu pedia, um milagre eu e minha descrença, Te devolvo minha existência”. (NASSAR, 2005, p.104). A prece expressa o desespero de André, soa também como blasfêmia às leis criadas por Deus. André ultrapassa essas leis no seu desejo de que Deus rasure a lei divina, permitindo a união dele com Ana.

Há tanto na narrativa bíblica, como na narrativa literária a tentativa do masculino em romper com os paradigmas dos laços sanguíneos. Esta tentativa, no entanto, é fracassada, pois não há como retirar a essência sanguínea que os une ao feminino. Já as personagens Ana e Tamar ao perceberem a quebra deste paradigma, decidem ambas se afastarem dos irmãos, para não destruírem a família, elas têm consciência do peso do ato que praticaram.

Em se tratando da sexualidade, a sociedade também impõe suas regras sobre o “certo e errado”. Construindo modelos de moral e imoralidade, o meio social considera o incesto uma perversão sexual que não se admite desde os tempos mais remotos:

“...Não meu irmão ,não me forces,porque não se faz assim em Israel, não faças tão loucura (...)Porque aonde iria eu com a minha vergonha ? E tu serias tido como um dos loucos de Israel. “ (II Samuel, 13:12-13).

Na fala de Tamar há a evidência de que a relação sexual com pessoas do mesmo sangue é considerada um ato de loucura e descontrole. Tamar não se entrega aos desejos do irmão, ela é sensata e seguidora das leis impostas pela sociedade que vivia, nela habitava a moral e tal transgressão perpetuaria no sentimento da culpa de ter se entregado aos desejos carnaís.

A família de André se reúne para momentos de alegria e festejo ao regresso do filho, mas a festa trouxe consigo a desordem. Ana ao entrar na festa cheia de enfeites desperta a atenção de todos:

“...Ana (que todos julgavam sempre na capela)surgiu impaciente numa só lufada,os cabelos soltos espalhando lavas

ligeiramente apanhados num dos lados por um coalho de sangue(que assimetria mais provocadora!),toda ela ostentando um deboche exuberante,uma borra gordurosa no lugar da boca,uma pinta de carvão acima do queixo,a gargantilha de veludo roxo apertando-lhe o pescoço,um pano murcho caindo feito flor da fresta escancarada dos seios,pulseiras nos braços,anéis nos dedos,outros aros nos tornozelos, foi assim que Ana,coberta com as quinquilharias mundanas da minha caixa,tomou de assalto a minha festa,varando com a peste no corpo o círculo que dançava introduzido com segurança,ali no centro,sua petulante decadência ,assombrando os olhares de espanto,suspendendo em cada boca um grito,paralisando os gestos por um instante,mas dominando a todos com seu violento ímpeto de vida...”(NASSAR,2005,p.186-187)

Ana está decidida a se entregar ao encanto sedutor do irmão, ela está decidida a ser aliada aos atos de promiscuidade do irmão. A atitude dela na festa e a revelação do incesto (do ato de transgressão) faz mudar o rumo e a intenção de reconciliação e paz no meio familiar, resulta em tragédia. O patriarca ao ver a atitude da filha (rompendo com os paradigmas) é tomado de um ódio devastador, o ódio e a paixão quando atingem o clímax, cega o indivíduo,e isso faz o pai(o ser racional) matar a própria filha e a si mesmo.

“...o alfange estava ao alcance de sua mão,e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira,meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental(...)era o próprio patriarca,ferido nos seus preceitos ,que fora possuído de cólera divina(pobre pai),era o guia,era a tábua solene,era a lei que se incendiava...”(NASSAR,2005,p.190-191)

Nessa narrativa vemos o desfecho da festa, percebemos o contentamento de André ao ver o pai transgredir a lei e também tristeza ao ver Ana morta como resultado da rebeldia de ambos.

O mesmo acontece na narrativa de Amnom e Tamar, ao saber do ocorrido, Absalão irmão de Tamar fica com muito ódio de Amnom, mas este aguarda um certo tempo, e depois de passados dois anos, convida o irmão para tosquiarem as ovelhas como ato de perdão,mas intenção no coração de Absalão era matar o irmão Amnom.

“Absalão deu ordem aos seus moços, dizendo: Tomai sentido quando coração de Amnom estiver alegre de vinho,e eu vos disser:Feri a Amnom,então,o matareis”.....E os moços de

Absalão fizeram a Amnom como Absalão lhes havia ordenado”(II Samuel 13:28-29).

Absalão embriaga o irmão com vinho e aguardando o momento devido para se vingar do irmão por ter abusado de Tamar, o tempo não foi capaz de apagar a amargura no coração de Absalão pelo incesto cometido. O rei ao saber da morte do filho transgressor é tomado pela angústia, Davi amava seu filho apesar do ato de rebeldia as leis divinas e da sociedade, para ele a morte não era a punição devida para o ato de loucura de Amnom, por isso pranteou a morte de seu filho junto com os servos:...”O rei e todos os seus servos choraram amargamente”(II Samuel 13:36).

A morte, final nas narrativas, representa a libertação do mal que aterrorizava o meio familiar, ou seja, a morte põe fim a anomalia que existia na família, executando assim a parte podre da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras de 2 Samuel e Lavoura Arcaica direciona o leitor a uma viagem íntima do ser humano e das suas diversas faces. A primeira leitura talvez possa constranger o leitor, pois pode parecer que fere os valores familiares e sanguíneos. No entanto, também nos mostra uma das possibilidades e das consequências de se viver num ambiente fechado e cheio de regras. Em ambas as narrativas os valores imperam sob o seio familiar.

Assim entendermos que a figura do pai em Lavoura Arcaica como no relato bíblico, simboliza a ordem e a unidade, elementos cruciais na união da família. A obediência às leis da religião e o respeito às regras, não foram considerados pelos “transgressores”, ambos se deixam levar pela paixão avassaladora. E os paradigmas impostos pelos patriarcas como regras inquebráveis, acabam caindo por terra, uma a uma, nos atos de André e de Amnom.

Os preceitos crítico e teórico utilizados até aqui, nos permitem inferir que os protagonistas, assim como os grandes heróis históricos, tendem a quebrar as regras, transgredir os paradigmas e sofrer com suas ações para só então se redimir e reconstruir sua identidade.

Mas as decisões de André e Amnom de retornarem ao seio familiar, por escolha, ou não, uma obrigação da consciência, sobretudo é um retorno infeliz em ambas as narrativas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. *II Samuel*. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil 2009.

FREUD, S. *Obras Completas: Totem y Tabu*. Espanha : Nueva, 1993. t 2.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Séries Princípios. (7ªed).
<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=forums&srcid=MTYzMjE0NjAxNTQwNzMzNzcxNjIBMTM4MjI4ODg1NzAwNTg0NzEzMDkxMDk3laaGROUWgyQ0FKATAuMQEBdjlI> Acesso em 20.jun.2018.

GLÜVER, Claus. *Inter textus / inter artes / inter media*. Aletria – Revista de estudos de Literatura. Belo Horizonte, p. 11-41, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357>>. Acesso em 19.jun.2018.

HIGGINS, Dick. Intermídia. In: DINIZ, Thaïs Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares. *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Vol.2. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.

LEVI-STRAUSS, C. *Las Estructuras elementares de parentesco*. Barcelona: Paidós, 1988.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 8. ed. São Paulo, Cultrix, 1987. Além de dar noções sobre a análise literária, o livro aborda os elementos da narrativa, os discursos e suas variantes.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo, Cia das etras, 2005. (4ªed)

RODRIGUES, André Luís . *Ritos da Paixão em Lavoura Arcaica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Renata Pimentel. *Uma Lavoura de insuspeitos frutos*. São Paulo: Annablume, 2002.